

O Estado de S. Paulo

2/11/1985

Trabalhadores, o alvo das disputas políticas

Passados 17 meses e duas safras de cana desde que começou a primeira greve de bóias-frias, em Guariba, os 130 mil trabalhadores volantes — 90 mil cortadores de cana — da região de Ribeirão Preto conquistaram uma série de direitos trabalhistas e um considerável avanço na organização sindical. Além da alteração do sistema de corte de sete para cinco ruas, conseguiram registro em carteira, com todos os direitos do trabalhador urbano, e praticamente a eliminação do "gato", intermediário da mão-de-obra.

Já os usineiros da região, responsáveis por um terço da produção nacional de açúcar e álcool, também se organizaram e conseguiram superar a última greve, realizada em maio passado por 70 mil cortadores de cana, sem atender a nenhuma das reivindicações. Para os empresários, os bóias-frias, manipulados por seus líderes, só entraram naquela greve por não terem sido suficientemente informados das conquistas que já haviam obtido durante negociações preliminares.

Desde os incidentes de Guariba, que provocaram uma morte, depredações e saque a supermercado, os bóias-frias passaram a ser o alvo principal das disputas políticas e ideológicas que hoje envolvem a CUT e o PT, de um lado, e, de outro, a Fetaesp e o PMDB, interessados em firmar lideranças junto aos trabalhadores, na sua constante luta reivindicatória com as usinas e destilarias de álcool.

A partir daí, segundo a Fetaesp (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado), somente em 1984 aconteceram mais de 60 paralisações no campo em São Paulo, além de muitas outras no Paraná, Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro. "Aquele foi um marco importante", define o diretor da Federação e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araraquara, Hélio Neves, considerado o principal líder sindicalista da região. "Até hoje nossos bóias-frias sofrem os efeitos negativos daquele movimento", reclama o prefeito de Guariba, Evandro Vitorino (PMDB), ao mesmo tempo em que denuncia: "Os trabalhadores foram usados como massa de manobra por grupos políticos preocupados com seus próprios interesses".

Nos movimentos realizados pelos bóias-frias este ano, Guariba foi uma das poucas cidades que não aderiu à última greve, mas — de acordo com Neves — "pela falta de empenho" dos sindicalistas locais. Por trás desta afirmação, outro personagem importante do movimento rural da região: José de Fátima, presidente do recém-fundado Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, ligado ao PT e à CUT. Ele deixou o anonimato após a greve de maio de 1984, foi apontado como um dos principais líderes dos trabalhadores rurais da cidade, e só não voltou ao obscurantismo graças ao atentado a bala que sofreu no começo deste ano e até hoje não foi devidamente esclarecido.

A oscilação de seu conceito é reflexo direto da disputa que ocorre pelo domínio da liderança junto aos trabalhadores e consequência de suas posições nem sempre do agrado da categoria. Além de não aderir à greve de maio deste ano, Fátima foi apontado recentemente pelo prefeito de Guariba e pelo deputado estadual Waldir Trigo (PMDB) de estar-se transformando em "dedo-duro" no momento em que preferiu atacar o movimento que resultou na invasão do horto florestal da Fepasa, em Pradópolis, no dia 4 de outubro, apontando, até mesmo, os responsáveis pela mobilização dos trabalhadores. Do lado oposto ao movimento dos bóias-frias estão os usineiros, que dominam a poderosa economia da Região de Ribeirão Preto. Eles são o alvo predileto dos políticos, sindicalistas e trabalhadores.

Ligado ao deputado estadual Waldir Trigo — que também é apontado como um dos principais líderes dos trabalhadores rurais —, Hélio Neves, 28 anos, nega que tenha aspirações políticas: "Se eu fosse candidato a algum cargo político-partidário, diria a mim mesmo: você usou os trabalhadores como massa de manobra, foi um engodo".

Atualmente, a maior preocupação dele é com o desemprego causado pelo término da safra da cana. Neves garante que já existem mais de 60 mil trabalhadores parados e adverte para o conflito social que a região poderá enfrentar: "Nenhum ser humano pode passar fome e ficar quieto. E, se vai haver ocupações de terras, saques a supermercados, será por uma questão de sobrevivência".

(Página 12)